

# A INCLUSÃO DE JOVENS E ADULTOS AUTISTAS ATRAVÉS DA TECNOLOGIA ASSISTIVA: A AMA-BA E A CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO COGNITIVO

Rafaela Oliveira Dos Santos<sup>1</sup>  
Josemeire Ferreira Santos<sup>2</sup>  
Dr<sup>a</sup> Patrícia Carla da Hora Correia<sup>3</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explorar o impacto da Tecnologia Assistiva na vida de jovens e adultos autistas, especialmente em ambientes não formais de aprendizagem, como a Associação de Amigos dos Autistas - Ba (AMA). A proposta é apresentar práticas inovadoras que visam promover a inclusão, a autonomia, o desenvolvimento cognitivo, interpessoal e afetivo utilizando ferramentas tecnológicas que facilitam não somente esses aspectos, mas também a comunicação, essencial para esses indivíduos. A problemática central reside na dificuldade de adaptação dos métodos de ensino de alto custo às necessidades socioeconômicas de jovens e adultos autistas brasileiros. Apesar de eficientes essas abordagens são consideradas de difícil acesso e acaba deixando os sujeitos atípicos sem muitas opções resultando em um processo de ensino-aprendizagem fragmentado e, muitas vezes, ineficaz. Dessa forma, surge a necessidade de um currículo cognitivo individualizado com tecnologia assistiva elaboradas com materiais acessíveis e de baixo custo. A metodologia adotada para este estudo baseia-se na análise das práticas educacionais aplicadas na AMA-BA, utilizando como referência o livro da fundadora da instituição, Rita Valeria Brasil Santos. A pesquisa fundamenta-se na Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural de Reuven Feuerstein, que propõe estratégias pedagógicas voltadas para a mediação do aprendizado. Métodos como a Aprendizagem Mediada e o Ensino Estruturado são explorados para demonstrar como a Tecnologia Assistiva sustentável pode favorecer uma internalização do conhecimento mais significativa e adaptada ao perfil cognitivo dos estudantes. Santos (2024) destaca que a construção do Currículo Cognitivo (CCC) na AMA-BA busca proporcionar autonomia e emancipação aos neurodivergentes, promovendo um ensino estruturado que favoreça a aquisição de conhecimento e a construção de conexões cognitivas para um aprendizado mais eficaz e integrado.

**Palavras-chave:** Tecnologia Assistiva, Construção do Currículo Cognitivo, inclusão, Autonomia, Educação de Jovens e Adultos.

## INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil tem sua trajetória marcada por silenciamentos e reconstruções históricas. Segundo Xavier (2019), a memória da EJA foi consolidada a partir de campanhas e políticas de alfabetização implementadas a partir de

---

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Educação de Jovens e adultos da Universidade do Estado da Bahia - BA, [rsantos2111@hotmail.com](mailto:rsantos2111@hotmail.com);

<sup>2</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Educação de Jovens e adultos da Universidade do Estado da Bahia - BA, [jjosyfs@gmail.com](mailto:jjosyfs@gmail.com);

<sup>3</sup> Prof<sup>o</sup> Dr. em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)- BA , [phora@uneb.br](mailto:phora@uneb.br);



1947, como a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), e de ações que buscaram a ampliação do acesso ao ensino para trabalhadores e sujeitos com baixa escolarização. Essa trajetória revela tanto a intenção de garantir o direito à educação quanto as contradições de um sistema educacional que, historicamente, manteve à margem aqueles que não se enquadravam nas faixas etárias regulares de escolarização.

No contexto contemporâneo, as políticas públicas voltadas à inclusão ampliam o debate sobre a necessidade de se promover práticas pedagógicas que respeitem a diversidade humana. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil<sup>1</sup>, 2008) reforça o compromisso do Estado com a oferta de condições que possibilitem a plena participação e aprendizagem de pessoas com deficiência, reconhecendo a escola como espaço de convivência, acessibilidade e desenvolvimento das potencialidades de todos os sujeitos. Nessa direção, a Educação de Jovens e Adultos configura-se como campo essencial para a efetivação da inclusão, especialmente ao acolher sujeitos que vivenciam múltiplas formas de exclusão educacional e social.

Considerando esse cenário, este artigo tem como objetivo analisar as ações desenvolvidas pela Associação de Amigos dos Autistas da Bahia (AMA-BA), instituição não formal de ensino, que atua na formação cognitiva e autonomia de jovens e adultos autistas a partir do uso de tecnologias assistivas sustentáveis. As práticas descritas são fundamentadas na Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural de Reuven Feuerstein a partir das proposições pedagógicas de Santos (2024), que orientam uma mediação intencional e afetiva voltada ao desenvolvimento das funções globais do desenvolvimento e da autonomia dos sujeitos chamando sua prática de Construção do Currículo Cognitivo (CCC).

A relevância desta pesquisa reside na possibilidade de demonstrar que o uso de tecnologias assistivas de baixo custo, construídas com materiais recicláveis e reaproveitáveis, pode fortalecer o currículo cognitivo dos sujeitos da EJA, contribuindo para uma educação inclusiva e sustentável. Tais tecnologias, ao favorecerem a interação e a comunicação, revelam que a aprendizagem é um processo possível a todos, desde que mediado por práticas pedagógicas que respeitem o ritmo e as especificidades de cada estudante.

## **METODOLOGIA**



Em busca de compor o respaldo teórico desse artigo, foi empreendida uma revisão bibliográfica, visto que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (Gil, 2007, p. 65). Utilizamos para tal, as bases digitais da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na Base Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e na *Scientific Electronic Library Online (SCIELO)*, com apoio dos operadores booleanos AND/OR para os descritores: autismo/TEA, tecnologias assistivas e EJA.

Ao inserir o descritor autismo na base da CAPES, retornaram 3.062 trabalhos que, ao acrescentar tecnologias assistivas, houve uma queda vertiginosa de retorno, alcançando 1 trabalho, sendo que, ao refinar a busca com a adição do descritor EJA, não apresentou nenhum trabalho.

A pesquisa realizada na BDTD respondeu com 2628 trabalhos com o descritor autismo e ao complementar com tecnologias assistivas, retornou com 99 dissertações e teses. No entanto, ao juntar com o termo EJA, respondeu com 2 trabalhos que, ao ser lido o resumo, não fazia relação com o termos pesquisados.

Na plataforma da *SCIELO* foram encontrados 571 trabalhos com a palavra autismo que, no entanto, ao acrescentar os outros termos, não se obteve nenhum artigo, dissertação ou tese.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Busca-se nessa subseção conhecer o conceito de Tecnologia Assistiva, assim como a sua importância para jovens e adultos autistas.

### 2.1 A TECNOLOGIA ASSISTIVA E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS AUTISTAS

A tecnologia assistiva (TA) emerge como um componente fundamental da educação inclusiva por oferecer suporte à funcionalidade da pessoa com deficiência, ampliando suas possibilidades de participação escolar, social e cognitiva. Conforme observa Bersch:

“Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (Bersch, 2017, p.4).”

Essa definição evidencia que a TA não se restringe a aparelhos ou softwares, mas integra um conjunto amplo de ações, ajustadas à diversidade funcional e aos contextos reais dos sujeitos.



No âmbito da educação, sobretudo em modalidades como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a Educação Especial, a utilização da tecnologia assistiva assume relevância singular. Jovens e adultos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frequentemente enfrentam trajetórias escolares interrompidas e apresentam necessidades específicas de comunicação, interação e processamento cognitivo.

Nesse cenário, a TA atua como mediadora e facilitadora do processo de ensino-aprendizagem, promovendo meios alternativos para compreensão, expressão e autonomia. Um estudo recente apontou que “o uso das tecnologias assistivas na educação é de importância fundamental, pois possibilitam o processo de aprendizagem, otimizando as potencialidades de cada aluno” (Souza, 2023, p. 2). A partir disso, pode-se afirmar que a TA contribui de modo especial para a EJA ao adaptar as condições de aprendizagem ao perfil dos estudantes autistas, oferecendo recursos de mediação intencional que promovem a inclusão efetiva — não apenas física ou formal, mas cognitiva e emocional.

Em síntese, a tecnologia assistiva representa uma ponte entre a condição funcional do aprendiz e o currículo, entre a singularidade cognitiva e a aprendizagem coletiva. Ela evidencia que a inclusão exige tanto adaptação de recursos quanto transformação das práticas pedagógicas. Com isso, no contexto da EJA para pessoas com TEA, a TA emerge como instrumento de autonomia, de participação e, sobretudo, de reconhecimento do sujeito em sua singularidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados aqui apresentados são de base institucional e foram fornecidos diretamente pela presidente da instituição com o intuito de colaborar com a disseminação do conhecimento. Assim sendo, a Associação de Amigos do Autista da Bahia (AMA-Bahia) é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), sem fins lucrativos, fundada em 2003 por um grupo de pais e mães, com o intuito de oferecer um processo de ensino-aprendizagem mais próximo com as demandas dos seus filhos.

Com a fundação da Associação, criou-se a Escola da AMA-Bahia, com atendimento educacional especializado para autistas. A escola, que com as novas normativas legais acerca da Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), passou a ser Centro de Atendimento Educacional Especializado AMA-Bahia (CAEE-AMA-Bahia), iniciou seus trabalhos com 4(quatro) alunos e hoje são 306 (trezentos e seis) autistas matriculados/as entre 2 e 38 anos (Brasil, 2025).



Desses sujeitos, 69 (sessenta e nove) educandos são da EJA , mas infelizmente, no momento, apenas 41(quarenta e um) descritos estão sendo atendidos e os demais esperando a Secretaria de Educação (SEC) enviar professores para atender a essa demanda real. A lista de espera por uma vaga supera 300 (trezentos) nomes. sendo 23(vinte e três) jovens e adultos. Vale destacar que dos 306 (trezentos e seis) alunos matriculados, 22,55% são nível três de suporte e, desse total, 33,33% são jovens e adultos beneficiando-se dos recursos e práticas pedagógicas da instituição.

Destarte, a pedagoga Rita Valéria Brasil Santos, buscou e, ainda busca, métodos e recursos que favoreçam o desenvolvimento cognitivo dos alunos ali atendidos. Inicialmente a autora baseou o trabalho pedagógico no ensino estruturado denominado Treatment and Education of Autistic and Related Communication Children (TEACCH), o que em português significa Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com déficits relacionados à Comunicação, “um programa que envolve as esferas de atendimento educacional e clínico, em uma prática com abordagem psicoeducativa, tornando-o por definição, um programa transdisciplinar. (Kwee, Sampaio, Atherino, 2009, p.218)”. Porém, era pouco para o que ela acreditava e acredita: a capacidade de aprendizagem dos autistas.

Assim, ao longo do tempo, Rita Brasil, como é conhecida, buscou nos estudos de Reuven Feurstein, como a Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural (MCE), a Experiência de Aprendizagem Mediada (EAM) e o Programa de Enriquecimento Instrumental (PEI), meios para melhorar a qualidade dos atendimentos dos autistas matriculados na AMA-Bahia, elaborando e confeccionando mais de 500 recursos pedagógicos e materiais de tecnologia assistiva.

Em seu livro intitulado “A visão de uma pedagoga sobre as falhas encontradas na percepção das pessoas com transtorno do espectro autista que impactam no processo de aprendizagem”, Santos afirma que:

[...Neste percurso, sempre considerei intrigante o fato de cada um responder a um mesmo instrumento de mediação de forma diferente. Isso me levou a buscar compreendê-los enquanto seres únicos e me motivou a estudar melhor forma de mediar os processos de aprendizagem para cada um deles...] (Santos, 2024, p.14)

Desta forma, o uso de recursos pedagógicos – lê-se tecnologias assistivas, construídas a partir das necessidades de cada aluno e a mediação pedagógica baseada na EAM proposta por Reuven Feurstein, vêm orientando os trabalhos na AMA-Bahia.

A Experiência de Aprendizagem Mediada é a interferência pensada por um adulto, no caso da AMA, pelo professor/a, onde o mesmo se interpõe entre o recurso pedagógico



e o/a aluno/a, tentando mobilizar as estruturas cognitivas dos/as mesmos/as, desafiando, aumentando ou diminuindo estímulos com intencionalidade, com intuito de promover a aprendizagem. Assim,

Por **Experiências de Aprendizagem Mediada (EAM)** nós nos referimos ao caminho no qual os estímulos emitidos pelo ambiente são transformados por um agente mediador, normalmente os pais, irmão ou outros. Esse agente mediador guiado por suas intenções, cultura e investimento emocional seleciona e organiza o mundo de estímulos para a criança. O mediador seleciona os estímulos que são mais apropriados e então os molda, filtra, programa; ele determina a presença ou ausência de certos estímulos e ignora outros (Feuerstein, Rand, Hofmann & Miller, 1980, p. 15-16 *Apud* Cenci; Costas, 2013, p. 252-253).

Com os princípios da EAM, o CAEE da AMA-Bahia, busca oferecer um atendimento pedagógico que favoreça o desenvolvimento dos autistas e favoreça o processo de inclusão na escola regular de forma mais efetiva.

A AMA se destaca por seu compromisso ético e inovador com a inclusão de jovens e adultos autistas, evidenciado pela abordagem sistematicamente adotada, que dialoga com a Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural de Reuven Feuerstein. A base do trabalho da AMA está na construção do Currículo Cognitivo, fundamentado na mediação ativa, na personalização do ensino, onde o uso da tecnologia assistiva de baixo custo é elemento transversal ao processo educativo. Dentro da instituição existe uma oficina de apoio configura-se como espaço vivo de criação e adaptação de materiais, com constante diálogo sobre as necessidades do grupo e sobre os modos de transformar o cotidiano em arte do aprendizado.

De acordo com Santos (2024), essa prática valoriza a mediação compatível com a zona de desenvolvimento proximal dos sujeitos, conforme as premissas de Vygotsky, e privilegia a interação constante entre educando, mediador e o objeto. O conhecimento não é transferido, mas construído colaborativamente, a partir das vivências e desafios reais de cada indivíduo. Ainda com Santos (2024), a avaliação é contínua e personalizada, e cada atividade é adaptada para favorecer a autonomia, incentivando os autistas a superarem barreiras cotidianas de forma progressiva e significativa.

Nesse contexto pedagógico, a tecnologia assistiva aparece não como mero apoio, mas como parte orgânica do currículo. Os recursos desenvolvidos no ateliê da AMA, são feitos a partir de materiais reaproveitáveis como papelão, palitos, caixas de fósforo, tampinhas e outros itens de fácil acesso e custo irrisório. A escolha da construção de recursos pedagógicos combate diretamente a lógica mercantilizada e segregadora



predominante nas terapias de alto custo que, muitas vezes, se tornam inacessíveis e pouco sustentáveis para a maioria das famílias.

As soluções tecnológicas propostas pela AMA apresentam múltiplas funções: facilitam a comunicação alternativa (como pranchas com símbolos, cartões visuais e objetos de referência), promovem a regulação sensorial (com instrumentos táteis e estruturadores do ambiente), e estimulam a autonomia em rotinas (através de sequências visuais ou organizadores concretos), melhora as questões motoras (através de materiais adaptados permitindo acessibilidade) entre outras questões valiosas necessárias para a estruturação do ser, Brasil<sup>2</sup> (2025). Cada recurso construído é motivado pela escuta atenta das demandas do grupo e pela ideia de que a criatividade e o reaproveitamento de materiais podem, de fato, potencializar o processo educativo.

Na educação de jovens e adultos autistas, essa abordagem é transformadora. Ela permite a construção de trilhas pedagógicas adequadas às necessidades cognitivas e emocionais de cada aprendiz, promovendo autoestima, senso de pertencimento e respeito às singularidades. Embora esteja se constituindo um método, a AMA demonstra, na prática, que um ensino realmente inclusivo, sustentado por recursos pedagógicos simplificados, de fácil manutenção, que pode inclusive ser replicado por escolas públicas ou particulares, espaços comunitários e famílias, tornando-se ferramenta poderosa para o desenvolvimento humano e a emancipação social.

Dessa forma, a experiência da AMA-BA comprova que a combinação entre metodologia humanizadora, tecnologia assistiva de baixo custo e foco na individualidade dos autistas é não só viável, mas essencial para garantir a inclusão educativa e social dos jovens e adultos autistas em qualquer âmbito educacional, superando as limitações impostas pelos métodos tradicionais baseados na exclusão pelo alto custo e pela padronização excessiva.

No contexto dos autistas e de outros neurodivergentes, a Tecnologia Assistiva desempenha um papel fundamental na formação cognitiva, na autonomia e na inclusão social. Ela auxilia no processamento de informações, na comunicação e na interação com o mundo de maneira mais confortável e acessível.

Sobre a tecnologia assistiva de baixo custo, o trabalho da AMA-BA materializa um contraponto aos métodos terapêuticos caros e inacessíveis à maioria da população. Em vez de recorrer a dispositivos eletrônicos sofisticados ou robótica, valorizam-se ferramentas e materiais reaproveitáveis, como papelão, palitos e caixas de fósforo. Esta decisão não é apenas uma solução financeira, mas um posicionamento ético e pedagógico



que prioriza a inclusão e a sustentabilidade do ensino, ressignificando objetos simples como instrumentos poderosos de desenvolvimento cognitivo.

A manutenção desses recursos é simples, favorecendo práticas replicáveis na comunidade escolar e no ambiente doméstico, além de criar uma cultura de inventividade entre mediadores, educandos e familiares.

No cenário atual, observa-se que muitos métodos terapêuticos adotados para autistas são de alto custo e exigem manutenção complexa, criando barreiras reais à inclusão e à emancipação desses sujeitos. A AMA-BA, em sua crítica a essa lógica mercantilizada, demonstra que o essencial para o avanço cognitivo não está no valor financeiro do recurso, mas na qualidade da mediação e na efetividade da prática educativa. A acessibilidade torna-se, assim, um compromisso central e transformador, potencializando a autonomia e o desenvolvimento pleno do sujeito autista.

Por fim, cabe ressaltar que a abordagem da AMA-BA pode servir de referência para outras iniciativas, mostrando que a inclusão se constrói cotidianamente, com criatividade, sensibilidade social e compromisso com a equidade. O currículo cognitivo de Santos e a tecnologia assistiva de baixo custo resultam na efetivação de uma educação emancipadora, que valoriza o sujeito em sua totalidade e transforma limitações em possibilidades reais de aprendizagem e de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida pela AMA-Bahia reafirma a potência da tecnologia assistiva como instrumento pedagógico, cognitivo e social capaz de promover a inclusão efetiva de jovens e adultos autistas. Ao valorizar recursos confeccionados com materiais recicláveis e reaproveitáveis, a instituição demonstra que a inclusão não depende de dispositivos sofisticados, mas de mediações pedagógicas intencionais, criativas e afetivas. Essa prática evidencia o princípio defendido por Bersch (2017, p. 4), de que a tecnologia assistiva deve “promover a funcionalidade, a autonomia e a inclusão social das pessoas com deficiência”, ressignificando o conceito de tecnologia a partir do contexto e das possibilidades concretas de cada sujeito.

Os resultados observados na AMA-BA demonstram que a construção de um Currículo Cognitivo voltado para a modificabilidade e para a mediação ativa — fundamentado nos estudos de Reuven Feuerstein — contribui para o desenvolvimento global do aprendiz autista, estimulando funções cognitivas, afetivas e sociais. Como destaca Santos (2024, p. 14), ao reconhecer que “cada sujeito responde de forma única



aos instrumentos de mediação”, a instituição consolida uma prática educativa pautada na individualidade, na escuta e na personalização do ensino. Essa perspectiva rompe com a lógica homogênea e mercantilizada que ainda domina muitas abordagens terapêuticas, mostrando que o essencial no processo educativo não é o custo do recurso, mas a intencionalidade e a qualidade da mediação.

A análise dos resultados também aponta que a utilização de tecnologias assistivas de baixo custo potencializa o engajamento e a autonomia dos educandos da EJA. Ao permitir que o estudante participe ativamente da construção de seu próprio material pedagógico, a AMA-BA amplia o sentimento de pertencimento e o protagonismo desses sujeitos, reafirmando o que Souza et al. (2023, p. 2) destaca: “as tecnologias assistivas possibilitam o processo de aprendizagem, otimizando as potencialidades de cada aluno”. Dessa forma, a prática pedagógica da AMA-BA transcende o campo da intervenção e se torna um exercício de cidadania e emancipação.

Em uma sociedade que ainda impõe barreiras simbólicas e materiais à inclusão, a proposta da AMA-BA revela caminhos sustentáveis e humanizadores para a educação especial na perspectiva inclusiva. O trabalho desenvolvido pela instituição mostra que a EJA pode se tornar um espaço de reconstrução de trajetórias, de reparação histórica e de reafirmação de direitos, desde que adote uma pedagogia mediadora, afetiva e flexível. O uso da tecnologia assistiva como meio de mediação cognitiva demonstra, na prática, que o acesso à aprendizagem não deve ser privilégio de poucos, mas um direito garantido a todos, independentemente das limitações impostas pelas condições econômicas ou funcionais.

Conclui-se, portanto, que a experiência da AMA-Bahia materializa os princípios de uma educação inclusiva, crítica e transformadora. A combinação entre a Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural, a construção do Currículo Cognitivo e o uso de tecnologias assistivas sustentáveis representa um modelo replicável em outros contextos educacionais. Trata-se de uma prática que reafirma o papel da escola e das instituições não formais como espaços de criação, autonomia e reconhecimento da diversidade humana. Assim, a tecnologia assistiva, longe de ser apenas um recurso técnico, se revela um instrumento de emancipação e de justiça social, tornando-se uma aliada indispensável na consolidação de uma EJA verdadeiramente inclusiva e democrática.



## REFERÊNCIAS

- BERSCH, Rita. Introdução à Tecnologia Assistiva. Porto Alegre: Assistiva/Tecnologia da Educação, 2017. <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1059>. Acesso em: 28 de out. de 2025.
- SOUZA, M. C. et al. “A importância da tecnologia assistiva na educação especial”. *REASE – Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo. v.9.n 08. 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10756>. Acesso em: 15 de outubro de 2025.
- BRASIL<sup>1</sup>. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 20 de set. de 2025.
- Brasil, Rita. **Manual Rita Brasil de intervenção em TEA**. Salvador-Bahia: Cogito Editora, 2025.
- CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. *E-Mosaicos*, V. 7, P. 3-25, 2019.
- CENCI, Adriane; COSTAS, Fabiane Adela Tonetto. Mediação e conceitos cotidianos: os aportes de Feuerstein e Vygotsky para investigar as dificuldades de aprendizagem. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v.19, n.2, p. 250-270, 2013.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo, Atlas, 2007.
- KWEE, Caroline Sianlia; SAMPAIO, Tânia Maria Marinho; ATHERINO, Ciriaco Cristóvão Tavares. Autismo: Uma avaliação transdisciplinar baseada no programa TEACCH. *Revista CEFAC, Campinas*, v.11, p. 217-226, 2009.
- SANTOS, Rita Valéria Brasil. **A visão de uma pedagoga sobre as falhas encontradas na percepção das pessoas com transtorno do espectro autista que impactam no processo de aprendizagem**. Salvador, Cogito Editora, 2024.
- XAVIER, Cristiane Fernanda. História e historiografia da educação de jovens e adultos no Brasil: inteligibilidades, apagamentos, necessidades, possibilidades. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 19, e068, 2019. DOI: 10.4025/rbhe.v19.2019.e068.

